

A aquisição das líquidas não-laterais no português do Brasil

A. R. M. Miranda – PUCRS

Introdução

O estudo apresentado a seguir resulta de uma pesquisa que investigou a aquisição do 'r-fraco' e do 'r-forte' por crianças brasileiras e pretendeu, através das evidências encontradas, acrescentar argumentos à discussão teórica sobre o status da líquida não-lateral no sistema fonêmico do português do Brasil. A pesquisa insere-se no grupo de trabalhos lingüísticos que vêem a aquisição da língua materna como uma fonte de evidências empíricas capazes de contribuir para o desenvolvimento da ciência da linguagem.

As líquidas não-laterais ('r-fraco' e 'r-forte') são apontadas pelas pesquisas de aquisição da fonologia como as consoantes de domínio mais tardio. A justificativa para o trabalho desenvolvido na dissertação de Mestrado que originou este artigo (Miranda, 1996) apoiou-se em dois argumentos. Um, referente ao fato de que não existia até então uma descrição metódica e aprofundada sobre a aquisição das líquidas não-laterais, também chamadas consoantes róticas, embora existisse um banco de dados de aquisição das líquidas do português¹; e outro, sustentado pela controvérsia teórica existente em relação ao status fonológico do 'r'. Trata-se da discussão acerca da representação subjacente das consoantes róticas

¹ A pesquisa interinstitucional *As Líquidas do Português – O processo de aquisição e suas implicações*, proposta e executada sob a coordenação de Carmen Hernandorena (UCPel/RS) e Regina Lamprecht (PUCRS), envolveu 310 crianças e resultou em um banco de dados, o AQUIFONO.

no sistema da língua, ou seja, se 'r-fraco' e 'r-forte' são um ou dois fonemas. Esse debate instiga e mobiliza não apenas os estudiosos da fonologia do português, mas também os da fonologia do espanhol.

No português, e nas línguas ibéricas de modo geral, há uma distribuição assimétrica dos 'r's, forte e brando, que contrastam unicamente em posição intervocálica (*caro/carro, fora/forra, era/erra*). Tal assimetria levou Mattoso Câmara Jr, em 1953, a defender a tese, que gerou polêmica na época e foi logo depois abandonada pelo autor², de que haveria apenas uma rótica no sistema consonântico da língua: o 'r-forte'. Proposta semelhante a de Mattoso foi feita para o espanhol a partir do trabalho de Harris, em 1969, o qual apontava também para a existência de apenas um 'r' subjacente, no caso: o 'r-fraco'. Esses dois trabalhos são os geradores de inúmeras discussões que tentam elucidar a verdadeira natureza subjacente dos sons róticos no sistema fonológico dessas línguas. Deve-se salientar que esses trabalhos e trabalhos subsequentes, sobre as róticas, se baseiam sempre em dados da diacronia ou da variação. A pesquisa desenvolvida na dissertação de Mestrado (Miranda, 1996) que originou este artigo, porém, visa contribuir com essa discussão buscando evidências em dados de aquisição da linguagem.

Metodologia

O estudo tem como base os dados de aquisição da linguagem de 110 crianças – 55 meninos e 55 meninas – divididos em 11 faixas etárias. A idade dos sujeitos é de 2 anos a 3 anos e 9 meses. Todos são residentes nas cidades de Pelotas e Porto Alegre – Rio Grande do Sul, estão adquirindo o português do Brasil como língua materna e apresentam padrões normais de desenvolvimento.

Para o estudo do 'r', foram analisadas as fichas com a transcrição fonética da fala de crianças que compõem o Banco de Dados AQUIFONO e delas foram retiradas apenas os itens lexicais nos quais a rótica foi ou deveria ter sido produzida pela criança³. De-

² A segunda edição, publicada em 1977, apresenta alterações no texto original de 1953. Nela, Câmara modifica sua posição e defende a idéia de dois fonemas róticos subjacentes.

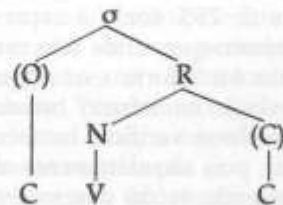
³ Foram desconsiderados os casos de Infinitivo, pois entende-se que na produção do adulto a rótica não é pronunciada. Foram também descartados os casos interpretados como Assimilação. É importante ressaltar que as epênteses foram analisadas em separado para que se pudesse ter a certeza dos resultados relativo à *Coda* Final.

pois de preparados, os dados foram codificados respeitando as variáveis: produção ou não do segmento; o quê foi produzido; posição na sílaba (só para 'r-fraco'); posição na palavra; tonicidade; contexto fonológico antecedente; contexto fonológico seguinte; sexo e faixa etária. Neste artigo serão apresentados somente os resultados relativos às quatro primeiras variáveis recém referidas.

Os dados, depois de codificados, foram tratados estatisticamente através da utilização do pacote VARBRUL que é largamente empregado em análises lingüísticas variacionistas, e foi utilizado nesse estudo, de forma pioneira, para analisar dados da aquisição de linguagem. Na pesquisa a adequação dos dados aos programas probabilísticos é total devido à quantidade – 'r-fraco' com 4.708 dados e 'r-forte' com 842 – e à variabilidade dos mesmos – 11 diferentes faixas de desenvolvimento.

Pressupostos teóricos

Para desenvolver o estudo sobre a aquisição das consoantes róticas foi necessário, após a análise de diferentes propostas teóricas e dos primeiros resultados encontrados, analisar os dados a partir de noções provenientes da Teoria da Sílaba, pois o 'r-fraco' pode ocupar todas as posições silábicas, exceto a de núcleo. Adotou-se a proposta de Selkirk (1982), segundo a qual a sílaba é uma unidade lingüística com estrutura interna, entre cujos constituintes está estabelecida uma relação hierárquica. Os dois constituintes imediatos básicos são o *onset* (O) e a *rima* (R). O *onset* não é obrigatório e pode ser ramificado, e a rima constitui-se obrigatoriamente de um pico de soância, o núcleo (N), e de uma *coda* (C), que é opcional. Uma estrutura do tipo CVC, seguindo este esquema, tem a seguinte representação:



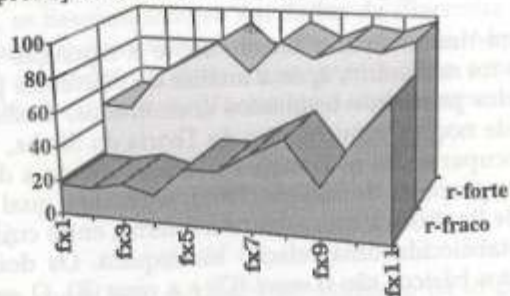
⁴ A diferença entre a quantidade de dados para 'r' fraco e forte tem a ver, unicamente, com uma característica distribucional do Português.

A ocupação das posições do esqueleto silábico, por esse modelo teórico, sofre restrições ditadas pela Escala de Soância. Existem diferentes propostas de escala. Neste estudo adotou-se a proposta de Bonet e Mascaró (1996), a qual atribui diferentes graus de soância para 'r-forte' e 'r-fraco'. A escala, conforme esses autores, pode ser assim apresentada: *Obstruintes < Fricativas e /R/ < Nasais < laterais < glides e /r/ < vogais.*

Resultados

A seguir serão apresentados e discutidos alguns dos resultados obtidos através da análise dos dados de aquisição. Primeiramente, poder-se-á conferir como foi a produção das consoantes róticas pelas crianças estudadas em cada uma das faixas etárias.

produção de 'r-fraco' e 'r-forte', por faixa etária

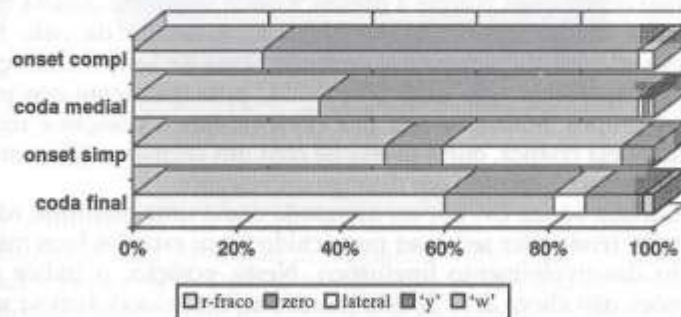


Pode-se observar que a aquisição de 'r-forte', mesmo aos 2 anos (fx 1), atinge índices que só serão alcançados para 'r-fraco' pelas crianças de 3:2 anos (fx 8). Segundo o critério adotado, que considera o índice de 75% como a expressão de que o segmento está adquirido, mesmo que ainda não estabilizado, pode-se dizer que a partir da faixa 4 o 'r-forte' está adquirido; o mesmo só é possível afirmar em relação ao 'r-fraco' nos dados pertencentes à faixa 11. Nessa figura pode-se verificar também que a aquisição não é um processo linear, pois são claramente observáveis momentos de queda na linha ascendente do desenvolvimento. Este tipo de fenômeno, conhecido como "curva em U", é registrado com frequência principalmente em estudos longitudinais.

Uma vez que a posição silábica é uma variável crucial para a análise – o 'r-fraco' pode ocupar quase todas as posições silábicas,

a saber: *onset* ('caro'), segundo elemento do *onset* ('prato'), *coda final* ('tambor') e *coda medial* ('porta') – serão apresentados a seguir os resultados que revelam o que foi produzido pela criança em cada uma das posições silábicas.

o que foi produzido por produção silábica



Em relação à aquisição de 'r-fraco' é necessário fazer uma referência à natureza dos segmentos que podem substituí-lo. Pode-se verificar que, entre os segmentos produzidos no lugar da rótica, há semelhança no grau de soância, ou seja, as crianças produziram no lugar de 'r-fraco', ou segmentos que compartilham o mesmo grau de soância, ou aqueles que lhe são adjacentes na escala, glides e laterais, respectivamente.

Conforme mostra o gráfico, na posição de *onset complexo*, predominou a omissão de segmento. A produção de lateral, que pôde ser verificada, mostrou-se significativa não pelo índice, mas porque denotou um provável período de transição, no qual o parâmetro CCV já estava fixado mas havia ainda restrições de ordem articulatória. Chegou-se a essa afirmação pelo fato de as produções de lateral estarem concentradas em um período do desenvolvimento imediatamente anterior a um crescimento importante no índice de produção do 'r-fraco'. No entanto, deve-se salientar que, de acordo com os dados estudados, a ocorrência dessa fase de transição não é comum a todas as crianças.

Os resultados encontrados nos dados referentes à *coda medial* assemelharam-se aos do *onset complexo* pelo alto índice de omissões. Entretanto, a motivação para esse índice elevado não parece ser de molde silábico porque, nesse caso específico, a análise não pôde ignorar que nos dados da *coda final* a produção da rótica foi

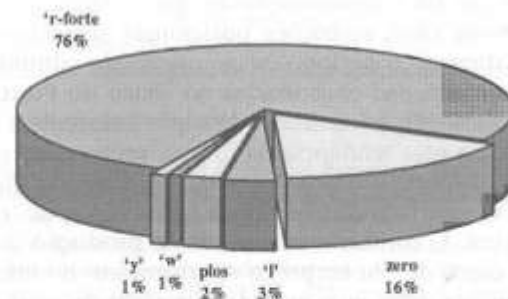
muito precoce, sendo essa a posição em que o 'r-fraco' começou a ser produzido pelas crianças.

A análise dos dados da *coda final* mostrou que a produção da rótica branda é mais precoce nessa posição, apresentando, inclusive, índices mais altos do que aqueles da posição de *onset simples*. Encontram-se, também na *coda final*, casos de produção de consoante lateral, o que se apresenta importante, não pela proporção em que isso ocorre, mas porque a presença deste segmento denota que a criança desde muito cedo reconhece o parâmetro da *coda*. Na posição silábica de *coda final* é onde os casos de semivocalização para [y] aparecem com mais frequência, principalmente nos primeiros grupos. Mais uma vez fica evidente que a posição é reconhecida pela criança, que a preenche com um segmento tão soante quanto 'r-fraco', criando um ditongo decrescente.

A sílaba básica CV, por ser apontada como uma estrutura não-marcada, tende a ter seu *onset* preenchido já em estágios bem iniciais do desenvolvimento linguístico. Nessa posição, o índice de omissões não chega a 10 %. Mesmo assim, nesse caso, tem-se um percentual de produção da rótica - 'r-fraco' - que não atinge 50%, provavelmente por questões de ordem fonético-fonológicas. O aspecto fonológico diz respeito à representação subjacente do segmento, a qual, para o 'r-fraco', segundo a abordagem de Bonet & Mascaró, é mais marcada pela presença de um traço [α]; o aspecto fonético, por seu turno, tem a ver com a difícil articulação do 'r-fraco'. Em *onset simples* é onde está concentrada a maioria das substituições por consoante lateral. A líquida alveolar lateral compartilha com o 'r-fraco' todos os traços exceto um, o traço de modo de articulação [lateral]. O preenchimento da posição de *onset*, através da produção da consoante lateral, pode ser atribuída ao fato de o segmento, além de ocupar uma posição adjacente à de 'r-fraco' na Escala de Soância, ser não-marcado, escapando, dessa forma, das restrições fonológicas recém referidas.

Investigar a natureza dos segmentos que podem substituir 'r-fraco' foi tarefa necessária para o desenvolvimento deste estudo, o mesmo ocorreu em relação aos dados de aquisição de 'r-forte' para que fosse possível comparar os dois processos. A seguir os resultados obtidos:

o que é produzido em 'r-forte'



Observou-se em relação aos dados de 'r-forte' que a maior ocorrência é da produção do segmento rótico, 77% do total dos dados examinados. Quanto às substituições nos dados do 'r-forte', pôde-se observar que há a ocorrência de consoantes plosivas. Embora os números não sejam altos, esse é um registro importante, pois demonstra que um grupo de informantes estava tratando a rótica como uma plosiva velar, ou seja, como um segmento cujo grau de soância é zero. A partir da proposta mais tradicional da Escala de Soância, a qual atribui o mesmo grau para 'r-fraco' e 'r-forte', não se pode dar conta de fenômenos deste tipo. Tampouco pode ser explicado o procedimento dos informantes que, por não terem ainda adquirido o ponto de articulação velar para consoantes, produziram plosivas coronais em lugar do 'r-forte', [X]→[t] em 'relógio'. Esses fatos são indicadores de que a motivação da troca não é simples semelhança fonética, visto que o 'r-forte' é produzido como fricativa velar, mas algo que tem a ver com a representação fonológica das crianças.

A presença de substituições por lateral que, cabe salientar, são radicalmente menores do que as encontradas nos dados do *onset* de 'r-fraco', não invalida a hipótese levantada relativamente à posição na Escala de Soância. Mesmo que ocupem lugares diferentes na escala, róticas e laterais formam a classe natural das consoantes líquidas. As ocorrências de laterais, assim como de plosivas, localizam-se nas primeiras faixas de idade. A adoção da proposta de Bonet e Mascaró (1996), para este estudo, dá conta de fenômenos como a plosivização, não deixando sem explicação casos como os de substituição do [R] por [l]. Quanto às semivocalizações, ocorrem em número reduzido e, de acordo com os dados estudados,

estão condicionadas, assim como as plosivizações, à posição que o 'r' ocupa na palavra.

Mais uma vez há a confirmação de que existem restrições sequenciais e, nesse caso, restrições posicionais atuando de forma incontestável durante o período de aquisição do componente fonológico. Raramente, são encontradas no léxico do Português palavras nas quais se superficializam ditongos crescentes. As crianças, obedecendo a essa tendência da língua, reservaram o meio da palavra para substituir a rótica por semivogal, sendo que em nenhum caso houve a produção de [w] ou [y] no lugar do 'r-forte' de início de palavra. O contrário ocorre com a produção de plosiva, pois todos os casos de seu emprego se encontram no início de palavra. Isso significa dizer que, quando a posição de *onset* de começo de vocábulo está preenchida, há a preferência por elementos pouco soantes.

Considerações finais

No decorrer deste estudo foi possível verificar que as formas lingüísticas canônicas, segmentais e prosódicas, são as preferidas pelas crianças durante o período de aquisição da linguagem, e a obediência aos padrões e às restrições fonológicas do sistema da língua que está sendo adquirida é uma constante desde as primeiras fases de seu desenvolvimento lingüístico. Esses indícios, descritos e analisados em detalhe, no estudo que originou este artigo (Miranda, 1996), sustentam a idéia de que a aquisição da linguagem é regida por princípios gerais e parâmetros específicos fixados a partir do input lingüístico.

Os resultados obtidos através da análise quantitativa de dados de aquisição da linguagem e de indícios fornecidos por cada criança observada no processo de construção da sua gramática, examinados à luz da Teoria da Sílabas e da Escala de Soância (Bonet e Mascaró, 1996), paralelamente ao estudo das diferentes propostas acerca do status fonológico do 'r', permitem afirmar a existência de dois fonemas róticos no sistema fonológico das crianças brasileiras, e, por extensão, no sistema do português do Brasil.

Referências bibliográficas

- BONET, E., MASCARÓ, J. *On the representation of contrasting rhotics*. Unpublished ms. Universidade Autònoma de Barcelona, 1996.
- CÂMARA JR., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Síntese, 1953.
- . *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- HARRIS, J. W. *Fonología generativa del español*. Barcelona: Planeta, 1974.
- . *Syllable structure and stress in spanish: a nonlinear analysis*. Cambridge, Massachussets: The MIT Press, 1983.
- MIRANDA, A. R. M. A aquisição do 'r': uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 1996.
- SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H., SMITH, N. (eds.). *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris, 1982. v. 2, p. 337-379.